O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 36.º Sábado, 17 de Julho de 1943 **N.º 1193**

VISADO PELA CENSURA

Em defesa de um património comum

PELO DR. ALBERTO SOUTO

O apêlo que fiz no penúltimo número dêste jornal para que se não fraquejasse mais na conservação e defesa do nosso património artístico e se obstasse à sua dispersão, dissipação e perda natural, não pode entender-se como restrito ao mobiliário de arte existente nos edifícios públicos civis ou religiosos.

O critério adoptado e a teoria exposta têm de aplicar-se a todos os objectos dignos da estima e da veneração populares e tem de adaptar-se também aos imóveis e aos próprios motivos etnográficos e paisagísticos.

Pela minha parte, e na medida das escassas possibilidades ao meu alcance procurei, agora, sanar o gesto menos feliz que a direcção da Irmandade do Senhor dos Passos da Vera Cruz, desta cidade, praticou quando vendeu para Evora alguns móveis de estilo e merecimento que se encontravam na igreja do Carmo.

Mercê da intervenção do sr. Governador Civil do distrito e por um convénio estabelecido com o coleccionador e comprador sr. Luís Sangreman Proença, e com a ajuda da sua perfeita boa-vontade, foi possível conseguir-se, sem qualquer gravame de preço, uma opção para o Museu Regional na compra do majestoso sacrário do século XVII e das bem apreciáveis mesas ou credências do gôsto dos fins do século XVIII e dos espelhos da mesma época em transição para o Império.

A cidade não perdeu tudo, mas algo perdeu. O Museu Regional, especializado já em arte religiosa, adquiriu objectos que hão-de dizer bem nas suas salas quando estas resuscitarem das grandes transformações por que o edifício está passando.

Mas algo se perdeu! E bem de lastimar é que tenhamos de comprar aquilo que é nosso e que impensadamente foi pôsto à venda sob o pretexto de que os objectos não prestavam para nada e de que a Irmandade carecia de dinheiro.

Falo sem azedume, nem o mínimo propósito de invectiva, nem qualquer acrimonia, mas não posso ocultar aquilo que devo dizer a-fim-de que se evitem novas infelicidades. O Museu Regional não tem dotação para estas operações. Com esta opção fica inhibido de comprar seja o que fôr durante muito tempo, pois tal resgate custa nada menos de dez mil escudos.

Em vez da venda dos móveis artísticos, podia-se ter pedido uma comparticipação do Estado nas obras de que a Igreja carece.

Se o exemplo do Carmo pegasse, Aveiro ficaria, em breve, despojada de todos os valores artísticos e acabaria por preencher o vácuo... com mobiliário da feira dos 28 pintado a ripolin!

Devemos reconhecer que não estaria certo.

Se se abre a porta do precedente, porque não se há-de vender o resto, quando parecer que o pagam bem?

O resto, o resto das tais coisas que se julga sempre que não prestam para nada, que são muito velhas, que estão fora da moda, que estão em desuso; o resto das obras de talha e de esculturas religiosas avulsas ou desligadas dos retábulos e tribunas a que pertenceram; o resto dos quadros a óleo que pendem das paredes ou preenchem os caixotões dos tectos das igrejas; o resto dos azulejos; o resto da imaginaria de pedra ou madeira; o resto das cadeiras, das credências, dos lampadários, dos sacrários, das alfaias, paramentos e utensílios das nossas capelas e igrejas, a-pesar-de não constituir uma riqueza extraordinária e de não conter maravilhas, é ainda muito apreciável.

E' digno de conservar-se nos locais em que se encontra ou de recolher-se no seio das colecções públicas.

Vender-se, trocar-se por banalidades, deixar-se levar ou roubar, não, que brada aos ceus!

Foi-me possível, desta feita, com a interferência do sr. Governador Civil e meu ilustre amigo dr. José de Almeida Azevedo e com a aquiescência louvável do sr. Sangreman Proença, que é irmão do meu desditoso amigo e saudoso escritor Raúl Proença, rehaver aquela parte dos objectos vendidos do Carmo que eu mais desejaria ver no Museu Regional e que, pelas razões expostas, entendi que não deviam sair da cidade.

Voltaram de Evora para Aveiro os objectos, mas o resgate, pelo Museu, não poderá repetir-se e eu não poderei acudir às vendas sobrepticias ou às de grande vulto.

Não poderemos, também, amparar os monumentos se êles não forem classificados de nacionais ou de interesse público; não poderemos os dois, Governador Civil e director do Museu e delegado da secção de arqueologia da Junta Nacional de Educação, valer aos outros valores do património artístico e arqueológico de Aveiro-cidade e de Aveiro-distrito, se não tivermos a cooperação das restantes autoridades civis e religiosas, dos párocos, das Câmaras Municipais, das direcções das Misericórdias e irmandades e de tôdas as pessoas cultas que por êstes bens distintos se devem interessar.

O que digo do mobiliário, digo e direi, igualmente, dos monumentos arquitetónicos, que não são muitos, mas são alguns. A capela poligonal do Senhor das Barrocas é um exemplo.

Fiz, há 15 anos, a primeira tentativa para a sua classificação como monumento nacional perante o extinto Conselho de Arte e Arqueologia de Coimbra, e só agora, há poucos meses, veio a solução legal, mercê da pertinácia dos dignos correspondentes dos jornais diários, da acção do sr. Governador Civil e da protecção do sr. dr. Vasco Valente, ilustre director do Museu Soares dos Reis.

Virão os serviços técnicos dos Monumentos Nacionais acudir ao airoso templo cujo estado é uma vergonha nacional. Mas não veem a tempo já de evitar a derrocada e o estilhaçamento da boa escultura de pedra que tombou do alto do pórtico, que era e é o melhor de Aveiro.

Vergonha nacional e vergonha aveirense, esta, do abandono do curioso exemplar de arquitetura religiosa setecentista que Dieulefoy julgou uma transcrição muito elegante dos batistérios de Piza e de Florença, embora nada mais seja, talvez, do que um exemplar muito português de capela poligonal traçada e ornada ao estilo de Mafra.

Vergonha aveirense que aquilo é!

Vão vêr e digam se exagero! Vão vêr, como a formosa capela, abandonada pelos católicos, esquecida do culto, sem protecção da polícia, está entregue às injúrias do tempo e aos desacatos e destruições do rapazio!

Há anos que a imprensa clama e que nós, os admiradores da sua beleza, pedimos providências.

Acudiu-lhe uma vez, benemeritamente, como presidente da Câmara, o dr. Lourenço Peixinho, mas vieram depois, e novamente, os ciclones e voltou de novo a garotagem, e a insania redobrou de fúria perante a indiferença dos crentes e das estações oficiais.

Parece que passaram por cima do templo alcateias de bombardeiros despejando metralha e, no entanto, a metralha que tudo tem partido e derrubado é a do desprezo colectivo, é a metralha da intempérie e a metralha implacável da pedrada do pequeno gentio selvágico, deseducado, desmandado e nunca corrigido.

Chamo daqui a atenção do venerando prelado da diocese e ilustre aveirense e homem de letras sr. D. João Evangelista de Lima Vidal para o tristissimo espectáculo daquela pequena joia de carácter religioso, tão lastimosamente caída no olvido dos que praticam o culto. Ninguém melhor que Sua Excelência pode hoje dar-lhe vida e impôr-lhe respeito, pelo exercício periódico de qualquer devoção que se sobreponha ao respectivo zêlo.

Apelo, ainda, para a autoridade civil e para a Polícia.

Peza sôbre a cidade e sôbre a Nação esta imensa vergonha. Apelo daqui para todos os que podem obstar à continuação da ignominia para que Sua Excelência lhe ponha côbro imediato e para que se salve Aveiro e Portugal do labéu cruciante de semelhante desmazêlo!

O TEMPO

Por ocasião da lua nova, a 2 do corrente, toldou-se o firmamento, ribombou o trovão, caiu alguma chuva, mas tão pouca nos nossos sítios que não chegou a matar a sêde aos pardais... Depois seguiu-se um novo período de estiagem, que ainda dura. Até quando? Registamos simplesmente o facto, deixando aos que lêem no Céu os fenómenos que lá se operam, a resposta à pregunta.

Nova tentativa

Tradição, semanário nacionalista da Vila da Feira, publica, no último número, um longo artigo sôbre a imprensa regional, no qual advoga a criação dum grémio destinado à defesa dos seus interesses, que, pelo visto, merecem ao proprietário e administrador do referido periódico, particular atenção. Concordando com muitas das razões apresentadas no sentido de ser realizada essa aspiração, não será o *Democrata* que lhe negue o seu apoio e a solidariedade pedida. Mas só isso, por não estarmos dispostos a ir mais longe— mais além.

E é quanto se nos oferece dizer.

Albergue de Mendicidade

O Albergue não dá esmolas. Dentro das suas possibilidades, tenta corrigir as conseqüências imorais duma iniqüidade social.

Os infelizes que o Albergue acolheu— pobres párias da cupidez do homem — são, na quási totalidade, destroços de corpos válidos queimados na pira de interêsses alheios.

Vidas esforçadas de trabalho, chegam no fim da luta, reduzidas à triste condição de pedirem socorro à caridade pública.

Acolhamos misericordiosamente, por esmola, os desgraçados a quem a deformidade impossibilitou de angariar sustento.

Mas, os pobres velhos, cujo corpo alquebrado já não segrega o suor para amassar o pão de cada dia — para êsses — sejamos justos.

E não sei que maior injustiça possa fazer-se a um homem do que seja dar-lhe, na velhice, o pão, por esmola, em recompensa de uma vida inteira de trabalho.

Quem extinguiu, pouco a pouco, as fôrças em porfiado esfôrço de interêsse colectivo, não precisa da caridade — reclama justiça.

Vós, senhores, a quem a fortuna bafeja, contribui para a reparação devida aos velhos exaustos.

Ajudai o Albergue.

L. de A.

A pesca do atum

Tem sido tal a abundância de atuns pescados durante esta semana no Algarve, que o preço dêste delicioso peixe já baixou 60 por cento!

E não participarmos nós do benefício...

Atenção para a 4.ª página

O Parque

E' uma das obras mais notáveis que se ficaram a dever à acção do dr. Lourenço Peixinho, como presidente da Câmara. E' a nossa *sala de visitas*, de que os aveirenses se devem orgulhar, elogiada por quantos nos honram com a sua presença. Há poucos no país que o igualem, merecendo, por isso, que se conserve condignamente, de forma a deixar o turista bem impressionado.

Desabou um templo

Na Covilhã abateu, no dia 13, parte do telhado da igreja de Santa Maria-Maior, que andava em obras, tendo perecido sete dos fieis que assistiam à missa e outros recolheram ao hospital muito feridos.

A consternação foi grande na cidade, que se mantém ainda visivelmente impressionada.

Bairro de Sá

A falta de limpesa continua a notar-se, vendo-se pelas ruas, onde a erva vai crescendo, toda a espécie de porcarias e pelas valetas o sugo e outras águas mal cheirosas a infestarem o ambiente. De aí as queixas dos moradores do populoso bairro, que devia merecer as atenções de quem de direito. Além de que, não faz sentido, também, que essa extensa área não seja devidamente policiada, de forma a evitar os abusos de certa gente e, especialmente, do rapazio turbulento.

Memorando Teatral Aveirense

17 de Julho de 1915 — Estreia da *Tournée Talabriga* de que faziam parte os amadores de canto Álvaro Lé e Aurélio Costa, o violinista Manuel Calado, o actor-amador Coimbra Flamengo e o maestro António Alves. Do programa constavam: números de canto — *Tosca, Gioconda, Guarany, Valsa Triste, Canção de Amor, Primavera, Ceifeiras, Pastoral, Fados Maria* e das *Lágrimas*. De música: *Serenata de Kubelik — Scéne de Balet*. Recitativos.

O Casino de Nice

Noticiaram os diários que vai ser demolido o famoso Casino da praia francesa, onde—resam as crónicas— no meio século da sua existência, se suicidaram nada menos de 18.000 pessoas por terem perdido ao jôgo o seu dinheiro—seu e dos outros, deve acrescentar-se.

Aqui está uma coisa que nunca nos meteu mêdo, talvez por termos preferido sempre outros entretenimentos— outras distrações...

Mas como nem tôda a gente lê pela mesma cartilha...

"Chapeu utilitário„

Também foram agora postos à venda chapeus a 65$00, acompanhando, dêste modo, o calçado e os tecidos para cobertura do corpo.

Mas nem assim a especulação acaba.

Confraternização

Os empregados da casa comercial do Pôrto, Agostinho Ricon Peres, estiveram nesta cidade, acompanhados do seu chefe, em passeio de confraternização, tendo vindo, desde Ovar, pela ria, para gosarem, no trajecto, o maravilhoso espectáculo, que, nesta quadra do ano, oferece a paisagem marítima da vasta região.

Regressaram satisfeitos e com as mais gratas recordações da jornada.

De necessidade

— o —

Há muito que carece duma reparação a entrada do cemitério central, onde o piso é muito irregular, dificultando o acesso dos carros fúnebres àquele recinto sagrado.

Aqui fica a lembrança.

A ponte de Angeja foi inaugurada festivamente

Com a presença do sr. Ministro das Obras Públicas, entidades oficiais e muito povo, sempre teve lugar, no domingo, a inauguração da ponte sôbre o rio Vouga, cerimónia que principiou por uma sessão solene no edifício da Câmara de Albergaria-a-Velha, seguida dum cortejo até à freguesia daquêle concelho onde assenta a extremidade norte da ponte e depois do corte das simbólicas fitas de vedação pelo sr. eng. Duarte Pacheco, ao som do hino nacional.

Girândolas de foguetes e morteiros deflagraram no espaço, a multidão delira em aclamações ao Govêrno, batem-se palmas, atiram-se flores, tocam as músicas. E há razão para isso. Trata-se de mais uma importante obra do Estado Novo, dum melhoramento valioso para a nossa região e, sob o ponto de vista turístico, dum excelente motivo para o desenvolver além da utilidade pública que representa.

A ponte de Angeja era de madeira, estreitíssima, não tendo nada que a recomendasse. Andavam quási sempre a consertá-la, visto o perigo que oferecia, até que chegou a vez da substituïção por outra em melhores condições de resistência e estética. Agora é das melhores do distrito de Aveiro, não só pela sua extensão, 275 metros, mais 80 do que a antiga, mas por tudo que nela concorre para assim ser classificada. Tem uma faixa de rolagem de seis metros e dois passeios de 80 cm. de largo. E' construída em cimento armado do tipo «Gerber» conta dez eixos de pilagem com vãos de 25 e 22 metros e ninguém tenha receio porque pode suportar o trânsito de tôdas as viaturas pesadas. O projecto foi elaborado pelo engenheiro adjunto da Divisão de Pontes da J. A. E., sr. Vasconcelos de Araújo, tendo importado em quantia superior a 2.000 contos, fora os acessos, que custaram aproximadamente 350.

Angeja e Cacia bem como os povos que circundam as duas freguesias que o Vouga separa, estão de parabéns. A nova ponte assegura-lhes uma ligação permanente, ainda com esta vantagem: não haver possibilidade das futuras cheias do rio impedirem a passagem para qualquer das margens.

O Democrata, congratulando-se, também, perante a grandiosidade da obra inaugurada, associa-se às manifestações de que foi alvo o ilustre representante do Govêrno por parte do povo reconhecido.

Cartas a uma amiga de longe

Julho, 1943

Minha querida:

Pode-se dizer que a Itália não descançou depois do armistício de 1918. Mas o nervosismo bélico que subjugou o italiano, até certa altura não o afastou de problemas espirituais, nem o impediu de cuidar a fundo da ressurreição nacional. E por vezes, a Itália Nova de Mussolini lembrava um quadro de sol e de alegria, de tintas garridas, onde palpitavam surprezas e deslumbramentos. Contavam-se maravilhas de tal movimento renovador e os que iam *ver para crer*, faziam côro com Blondine Ollivier, que no seu livro *Jeunesse Faciste* se confessa encantada.

Forte, feliz e fecundo, quanto havia a esperar dêsse país europeu, bêrço da arte, museu de preciosidade! A natureza foi ali pródiga de encantos. Todos quedavam, extáticos, perante as suas belezas e as ruínas do passado, grito sonante de antigas civilizações. E as ruinas de Itália têm a dar-lhes vida e a tirar-lhes o aspecto de *coisas mortas*, as flôres, que as mantêm em perpétua Primavera.

A terra ensinou-os a cantar melodias lindas e tão harmoniosas que nem perturbaram a paz enigmática dos seus frondosos e múltiplos parques e jardins. E porque a arte é uma necessidade primária dêste povo, a base de tudo quanto nêle há de melhor, mais confrange vê-lo agora em luta com a destruição e com a ruína, tão fora da sua fina e requintada sensibilidade de artistas.

Hoje o desembarque na Sicília, àmanhã na própria Itália, talvez, e aquelas belas e milenárias recordações do passado, que falam de séculos e séculos da história da Humanidade, e que o próprio Vesúvio respeitou, perder-se-ão para sempre — quem sabe? E o italiano, ao debruçar-se, mais tarde, no jardim do Pineio para contemplar em tôda a sua beleza e grandioso panorama de Roma, que verá êle então?

Um abraço da

Zèmi

Desastre mortal

Quando na tarde de quarta-feira o electricista António Luiz Fernandes, de 44 anos, natural de Barcelos, procedia à substituïção de uns fios na praia do Forte da Barra, caíu, com tanta infelicidade, do poste onde trabalhava sôbre o pavimento do molhe sul, que veio a morrer no caminho do hospital.

Era casado, tendo o seu cadáver recebido sepultura no cemitério desta cidade depois das formalidades legais.

A REGA DAS RUAS

Êste serviço, que de vez em quando se faz, continua a originar reparos, devido à forma como é feito.

Ou nem tôdas as ruas são da cidade?!

Crónica alfacinha

Bolsa do Livro

J. Vieira Alves, que Aveiro conheceu não há muitos anos, por várias vezes aí ter falado na antiga Associação dos Empregados de Comércio e cuja colaboração em vários jornais do país foi bastante apreciada, empenha-se, nêste momento, na criação, em Lisboa, dum organismo novo, de carácter cultural, destinado a um êxito certo—é de presumir—dado o seu espírito de empreendedor, assinalado em Coimbra e Pôrto, na fundação, ou simples contributo para o desenvolvimento de várias obras, como foi nesta última cidade a Federação dos Amigos da Escola, Universidade Livre, Orfeões Marcos Portugal e Invicta, etc.

Trata-se da Bolsa do Livro, sociedade que prestará aos estudiosos e professores, jornais e jornalistas, livreiros e escritores tôda a espécie de informações bio-bibliográficas, jurídicas, na parte aplicável a direitos de autores nacionais e estrangeiros, escolares, de orientação auto-didática para os ledores da província, especialmente, e tudo o mais que com êstes assuntos possa ter relação.

As várias secções da nóvel instituïção, segundo nos dizem, tomarão ainda a seu cargo todos os trabalhos de revista de originais e provas, versões ou traduções em tôdas as línguas, permuta e empréstimo de livros, edições, publicidade e inter-câmbio.

Temos a certeza de que *O Democrata* é o primeiro jornal português a dar esta agradável notícia aos seus inúmeros leitores, todos êles interessados, sem dúvida, na elevação mental dos seus compatriotas. E' sempre grato registar iniciativas como esta, tendentes ao aperfeiçoamento da grei, mesmo quando a hora que atravessamos é de desespêros e incertezas, de lutas cruentas e satânicas, onde cada qual procura impôr, pela fôrça das armas, os seus planos de salvação, que ninguém lhes encomendou.

Lisboa, 12-7-943

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

A pesca do bacalhau

Encontra-se novamente em Aveiro com o propósito de ultimar alguns trabalhos para o seu estudo de investigação *A Indústria da Pesca do Bacalhau em Portugal—Sua história e evolução*, o sr. dr. Armando Carneiro, director técnico do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Para êsse efeito deve avistar-se com os Armadores e com algumas individualidades ligadas a esta riqueza nacional.

Agradecemos a gentileza dos seus cumprimentos.

Julgamento importante

No tribunal da comarca terminou quinta-feira, após os debates, o julgamento de Joaquim Simões Baratojo, da Moita da Oliveirinha, acusado de ter assassinado a mulher Elia Simões de Almeida, o que sempre negou, atribuindo a morte a suicídio por enforcamento visto o cadáver ter aparecido suspenso duma trave em determinada dependência da casa.

Intervieram, pela acusação, o delegado do M. P. e o sr. dr. Manuel das Neves; e pela defesa, o sr. dr. Guilherme Souto, de Estarreja.

Presidiu às audiências, nos vários dias em que se realizaram, os srs. drs. Agostinho Fontes, que teve por adjuntos os srs. drs. António Gurgo e Joaquim Pinto Coelho, êste juiz em Agueda.

A sentença, proferida ao fim da tarde, condenou o reu em 5 anos de prisão maior celular ou na alternativa de 7 anos e 10 meses de degredo em possessão de 1.ª classe, 1.500 escudos de impôsto de justiça, 1.500 escudos de indemnização à parte acusadora e 25 contos de indemnização à família da vítima.

Foi interposta apelação.

Considerandos oportunos

por Jorge Vernex

«...uma luta violenta está desenhada ou mais concretamente travada já entre as fôrças da ordem e as da desordem, entre a nação e o internacionalismo, entre o comunismo e a civilização».

SALAZAR—15-4-1937

O tabaco

Eu não fumo. Mas para os apreciadores, lá vai a estatística. Antes da guerra, a Europa, sem a Rússia, produzia 300.000 toneladas de tabaco por ano e consumia 420 000. As 120.000 toneladas que faltavam vinham sobretudo da Insulíndia. Hoje tenta-se cobrir o *déficit* com o aumento da produção continental. A Bulgária acha-se à frente dos produtores com 64.000 toneladas anuais. No corrente ano a Bulgária alargou a área de produção tabaqueira para 200.000 hectares, esperando atingir 100.000 toneladas. A Croácia alargou a área de cultura de 8.700 hectares, produzindo 9.500 toneladas, para 13.000 ha a atingir em 10 anos, os quais produzirão 15.700 toneladas. A Roménia aumentou a sua área para mais do dôbro: 25 000 hectares em 1941 para 35.000 no corrente ano. Na Hungria a área de cultura é de 24.000 hectares com a produção de 27.000 toneladas. A Eslováquia aumentou-a de 968 hectares em 1942, para 1136 no corrente ano. A Itália produz tabaco para todo o seu consumo e ainda para exportar. A França tem produzido 38.000 toneladas de tabaco em rama. Notáveis são os esforços da Dinamarca que melhorou a qualidade produzida e atingiu 8.000 toneladas. Na Noruega a área passou de 1,4 para 5,6 hectares. A Alemanha é quem mais produz, depois da Bulgária: 40.000 toneladas. As sociedades fundadas para exploração no Leste cultivaram já 60.000 hectares. Na Rússia Branca, Letónia, Estónia e Lituânia também a produção se activa com respectivamente, 3.300; 650, 150 e 520 hectares com 4540 toneladas. Sôbre a produção espanhola não consegui dados; mas, pelo que se vê, na Europa não faltará tabaco aos fumadores.

Economia frigorífica

Ainda não há muito, o gado que, do ultramar vinha abastecer o nosso mercado, era transportado vivo, vivo nos barcos mercantes. Mas o Estado Novo promoveu a aplicação de *frigoríficos* aos navios. A carne passou a ser abatida na origem, chegando, no entanto, em perfeito estado de conservação ao local de consumo. Hoje, o frigorífico desenvolveu-se muito em todos os países europeus e pode falar-se já duma *economia frigorífica*, pois se aplica tanto às carnes como a legumes, hortaliças e, dum modo geral, a tudo o que se deteriora. O frigorífico impôs-se depois de experimentados outros processos de conservação: «defumação, salmoura, seca, exterilização», etc., processos que modificam profundamente as qualidades naturais das mercadorias. Assim, «entre todos os processos é a técnica moderna de regrigeração o único que não modifica de modo essencial os valores nutritivos dos alimentos». Para não deixar que os produtos alterem ou percam as suas propriedades, começa a aparecer a expressão *cadeia refrigeradora* que acompanha os produtos desde a origem ao local de consumo. «Matança, colheita, ordenha» sofrem uma série de tratamentos que vão desde «a refrigeração até à temperatura final desejada, o armazenamento em frigoríficos no lugar da produção, o transporte em vagões, navios ou carros frigoríficos, o armazenamento em trigoríficos no comércio por grosso e, finalmente, em casa até ao consumo». As emprêsas de pesca do alto mar e os armadores de pesca germânicos foram os primeiros a empregar o processo de refrigeração rápida, seguidos então pelas indústrias de conservas de frutas e legumes. Hoje em dia, legumes frêscos, refrigerados a baixa temperatura, fazem parte regular das ementas dos restaurantes» nas maiores cidades da velha Europa, em qualquer estação do ano.

Pela ria

A *Sociedade Recreio Artístico* está a organizar um passeio à praia e mata de S. Jacinto, dedicado aos seus associados e famílias, que terá logar no dia 25 do corrente.

O trajecto, através o nosso vasto estuário, será feito em barcos saleiros engalanados e para o tornar mais encantador será contratada uma banda de música, que executará um reportório adequado.

Agradecemos o convite com que nos distinguiu a Direcção da velha colectividade.

E' preciso semear mais batata!

Um apêlo aos lavradores, do sr. Ministro da Economia, feito por intermédio do Sub-Secretariado de Estado da Agricultura para que se semeie batata de Verão nas terras de regadio a-fim-de cobrir o *déficit* da produção daquele tubérculo, do trigo e do milho, provocado pelo mau ano agrícola que estamos atravessando, deve ser ouvido pelos lavradores. A eles compete atenuarem a grave crise que se avizinha, quando o Inverno nos bater à porta. E' um dever nacional e social a cumprir por quantos possuam terra molhada ou regável. O Estado garante o fornecimento dos adubos e, depois, o preço compensador de 18$00 por cada arroba. E' necessário, pois, que nesta hora incerta e difícil que se atravessa, a lavoura preste mais êste relevante serviço à nação, além dos que patrioticamente já tem prestado.

A's senhoras

O *Salão Avenida*, no intuito de bem servir as suas Ex.mas Clientes, acaba de adquirir um aparelho *Regina Nova*—última palavra em aparelhos de ondulação—e dos quais apenas existem 2 em Portugal.

Livros

Cabaz das Compras

Preparado pelas Edições VIC, saiu o n.º 2 do calendário das cosinheiras, onde pontifica D. Miquelina Martins, que, com o fim de prestar resistência aos embaraços das donas de casa, como boa mestra, que é, de culinária, se dedica a êsse mister, ensinando-lhes tudo que a tal respeito devem aprender.

Ora sabendo-se que a única receita para a fidelidade eterna, na opinião de Eça de Queiroz, é as mulheres fazerem duas coisas bem feitas—*amar e cosinhar*—afigurar-se-nos que o *Cabaz das Compras*, a êsse respeito, é um conselheiro sem igual.

Recomendamo-lo, por isso, às meninas casadoiras.

Fôgo na Fábrica

Recebemos um volume com o título da epígrafe, que o Grémio Nacional dos Industriais de Fósforos editou na intenção de ser útil às indústrias do país.

Agradecendo, prometemos dedicar-lhe mais algumas linhas após a leitura.

Funcionalismo

Foi nomeado secretário do govêrno civil dêste distrito o sr. dr. João Baptista Alves da Costa, que estava dirigindo, interinamente, a secretaria da Câmara Municipal de Evora.

Durante 5 anos desempenhou o cargo de presidente da de Terras de Bouro, foi vereador da de Braga e ainda presidente da Comissão Concelhia da União Nacional da Póvoa de Lanhoso.

Os nossos cumprimentos.

* * *

De Castelo de Paiva foi transferido para a Secção de Finanças, do Pôrto, (2.º Bairro Fiscal) o aspirante, sr. Celestino Lopes Neto, que aqui esteve a passar alguns dias.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. Joaquim Marques Pitarma, industrial de panificação na capital; no dia 19, a sr.ª D. Gabriela Júlia de Melo Rebelo, actualmente em Espinho; em 20, a sr.ª D. Josefina de Azevedo Carvalho, esposa do sr. José Maria dos Santos Carvalho, residentes em Lisboa; em 21, a sr.ª D. Celeste Correia Cascais, esposa do sr. Raúl da Silva Cascais, empregado nos escritórios da C. P. na capital; em 22, a sr.ª D. Maria da Encarnação Soares, professora oficial e esposa do sr. Amadeu Rodrigues da Paula, e o nosso amigo Manuel Mano, funcionário dos correios em Lourenço Marques (Africa Oriental) e em 23, a sr.ª D. Alice de Brito T. Pinto, residente no Pôrto, e o nosso distinto colaborador dr. Alberto Souto, director do Museu.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. José de Morais Sarmento, empregado na filial do Banco N. Ultramarino de Ovar; Nuno Meireles, da firma Ferreirinha & Meireles, L.ª, de Ermezinde; Joaquim da Paula Graça, funcionário do Banco Pinto & Sotto Mayor, do Pôrto; dr. Ernesto Guedes Pinto, médico em Coimbra; Artur Sequeira, funcionário dos correios naquela cidade; José Lourenço e Fonseca Dias, da firma F. Alves Moimenta, L.da, de Lisboa e Manuel Dias dos Santos, de Requeixo.

Praias e termas

Com suas famílias encontram-se a veranear: na Costa Nova, o sr. dr. Pompeu Cardoso; na praia do Farol, as sr.as D. Tereza Marques da Silva Soares e D. Armanda Abrantes Saraiva e os srs. dr. Pedro Gonçalves, Aristides Tavares Ferreira, Cipriano Neto, Alberto de Oliveira Carvalho, tenente Manuel Branco Lopes, Lino Costa, Eduardo Cerqueira e dr. Francisco Lourenço da Costa, tenente da G. N. Republicana, e na Curia, o sr. Anselmo Lopes.

—Na Barra também já se encontra a família do sr. dr. Henrique Paz, secretário do Govêrno Civil de Viseu, que ali é esperado dentro em breve.

—Com sua esposa está em Vidago, a fazer uso das águas, o sr. Alfredo Esteves, director do Banco Regional.

Exames de admissão ao liceu

Começam no dia 22. A primeira prova a realizar pelos examinandos é a de desenho que é eliminatória e consiste na cópia, a lápis, sem sombras, duma jarra de barro. As normas oficiais da classificação da prova de desenho encontram-se no livro *Noções de desenho à vista*, do Dr. Faria de Castro, antigo professor do Liceu José Estêvão.

Concêrtos musicais

Efectuou-se na quarta-feira o segundo da série, tendo o programa da *Banda José Estêvão*, executado sob a regência de António Lé, agradado.

Bastante concorrência.

Chá dansante

Realiza-se ámanhã de tarde, no Pavilhão do Rossio, devendo abrilhantá-lo um magnífico *jazz*.

Aos Operários da Construção Civil

Levamos ao conhecimento de todos os operários da Construção Civil APRENDIZES, SERVENTES e profissionais de ARTES descriminadas, abrangidas por êste Sindicato Nacional, quer sejam sócios, quer não, de que para seu interesse comum e familiar devem dirigir-se a êste Sindicato a-fim-de preencherem o seu Boletim de Abôno de Família.

Sindicato Nacional dos Operários da Construção Civil do Distrito de Aveiro, Junho de 1943.

A DIRECÇÃO

Em Espinho

—o—

Teve lugar no sábado a inauguração das instalações — *Parque Infantil «Paraízo das Crianças»*, *Piscina Infantil «Espuma do Mar»* e *Piscina-Solário «Atlântico»*—com que a Emprêza de melhoramentos de Espinho dotou aquela praia do nosso distrito, concorrendo, dêsse modo, para o seu engrandecimento e progresso. Também lá fomos, devido à amabilidade do convite que nos foi endereçado, podendo, portanto, avaliar, de perto, da grandiosidade da obra levada a efeito e que tanto eleva a vila, o concelho, onde o mar atrái, na estação calmosa, os necessitados dos seus benefícios ou os que, junto dêle, vão retemperar o organismo para a luta pela vida.

Hoje não, que não temos espaço; mas num dos próximos números dedicaremos mais algumas linhas à Piscina, como merece.

Visitai o Parque da Cidade

Carta de Lisboa

General Carmona

A passagem do 17.º aniversário da chegada do sr. General Carmona à chefia suprema da política constituiu mais um pretexto a todos os títulos admirável para o país manifestar outra vez ao venerando Chefe do Estado o seu muito apreço e a sua grande admiração.

Portugal, de norte a sul, acaba de afirmar o que é e vale a unidade nacional realizada ao redor da figura do sr. General Carmona de quem acertada e lucidamente Salazar disse um dia:

Na chefia do Estado, desde os alvores da Revolução Nacional, quando mal se distinguiam dentre a névoa de vagas e desencontradas aspirações dos caminhos do futuro, o sr. General Carmona tem presidido à mais vasta obra de reconstrução nacional dos últimos séculos e iniciou uma era que na História portuguesa pode bem competir com algumas das mais brilhantes, pela iniciativa e o labor intenso, marcado progresso, elevação colectiva. E teve em tudo a boa estrela dos afortunados, a rara felicidade do êxito.

No terreno movediço e convulsionado das nossas paixões políticas e desregramentos sociais foi, primeiro, o trabalho de consolidação, doloroso algumas vezes, mas necessário a tôda a obra que pretenda errar; foi, depois, definir os princípios, gizar os planos, lançar os alicerces, ligar a construção política e económica, social e moral, de modo que não se desprezassem as exigências do nosso tempo nem se desperdiçassem materiais ou motivos experimentados pelos séculos. Como obra de conjunto, das finanças à administração, da economia à moral, da saúde do corpo à inteligência, da riqueza material à cultura, do indivíduo à região, à nação, ao Império; como obra de conjunto, dizia, como trabalho de reconstituição e reaportuguesamento, de valorização.

Todos êstes momentos do teu vivido, na suprema magistratura da nação, o sr. General Carmona; a tudo presidiu, por tudo se interessou, tudo tornou possível pelo simples facto de representar um princípio de renovação e de unidade, de se manter fiel a uma doutrina, de ser garante da sua aplicação.

Contas públicas

A apresentação do relatório das contas públicas de 1942 veio, de novo, pôr em relêvo o valor da política financeira seguida pela Revolução Nacional.

A-pesar-de todas as dificuldades criadas pela situação mundial, as contas de 1942 apresentam ainda um saldo de 123.000 contos, prova provada e bem eloquente do valor da política financeira do Estado Novo que, a-pesar-de tôdas as dificuldades, de todas as condições anormais do mundo de nossos dias, mantem ainda o equilíbrio.

CORDEIRO GOMES

Visitai o Parque da Cidade

Produzir e poupar é amealhar riqueza.

É urgente e necessário o aproveitamento integral de tôdas as nossas possibilidades agrícolas.

Entre os vinhedos é possível, em bôas condições económicas, a cultura da batata.

A cultura intercalar da batata representa um acréscimo de rendimento da terra.

Os amanhos e pulverizações da batata são tratamentos e benefícios a mais que recebe a vinha.

NECROLOGIA

Com 63 anos finou se, domingo, sendo sepultado no dia seguinte, no cemitério sul da cidade, o sr. João de Carvalho Pimenta, viuvo, que há pouco caíra à cama, doente.

Deixou um filho e uma filha, esta casada com o sr. José Duarte Simão, professor oficial em Ilhavo.

Os nossos sentimentos.

* * *

No Porto também faleceu a sr.ª D. Leopoldina Pinto Basto Kopke de Carvalho Reis, esposa do sr. Jorge Reis, antigo chefe de contabilidade dos S. M. das Aguas e Saneamento, e filha do engenheiro Kopke de Carvalôo, que conhecemos em Oliveira de Azemeis, onde residiu e era geralmente respeitado, por ser uma distinta figura e um nobre carácter.

A extinta senhora, que estava ligada a ilustres famílias da capital do norte, foi sepultada no cemitério de Agramonte.

Benemerência

Foram assim distribuidos os 200$00 que os organizadores da reünião do curso médico de 1933, efectuada nesta cidade, nos entregaram para os nossos pobres:

Com 10$00, Georgina Ramos, R. de S. Roque; Luisa Peixinho, R. da Granja; Maria da Luz Pinho, R. de Sá; Alfredo da Silva Gaspar, idem; Dolores Pinto Calisto, R. da Fonte Nova; Pedro de Sousa, R. de Santo António; António Cunha, Travessa do Passeio; Maria Rosa Duarte, R. de S. Martinho; Margarida Raposo, R. da Corredora; Elisa da Costa e Silva, R. Eça de Queiroz, e duas envergonhadas.

Com 5$00, António Pinho das Neves, R. de S. Roque; Celestina Pires, R. do Rato; Aurea de Lemos, idem; Adelaide Vilaça, R. de S. Martinho; Clara da Apresentação, idem; Jerónimo Carvalho, idem; Adelina de Assis Almeida, R. Eça de Queiroz; Margarida de Matos, R. da Sé; Angelina Galega, R. da Fonte Nova; Maria Faustina, idem; Manuel Ferreira, R. da Corredoura; Isaltina do Padre, R. do Norte; Ilda Ramos, R. Direita; Maria José de Lemos, R. das Olarias; Joana Mofa, R. do Carril, e Conceição Tainha, R. da Granja.

Em nome de todos, os nossos agradecimentos aos srs. drs. Manuel Soares e Humberto Leitão por não esquecerem os desprotegidos da sorte.

Correspondências

Preza, 14

A prolongada estiagem tem prejudicado imenso a agricultura, especialmente os batatais e os milheirais, o que traz bastante contristados os nossos lavradores.

Manda quem pode...

—Teve, domingo, o seu bom sucesso, dando à luz uma menina, a esposa do nosso amigo Emílio da Silva Campos, empregado na Câmara dessa cidade.

Felicitamos os pais da recem-nascida e a esta desejamos um futuro venturoso.

—A estrada que vem de Aveiro e segue para a Quinta do Gato continua em péssimo estado, à espera que lhe acudam.

E o remédio?...

C.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Secção Desportiva

Tennis

No *Club Mário Duarte* encontra-se aberta uma inscrição para sócios ou filhos de sócios que queiram praticar êste desporto, visto a Direcção pensar em seleccionar os melhores elementos.

Aveiro já, em tempos distantes, marcou nesta modolidade.

Câmara Municipal de Aveiro

—o—

AVISO

Torna-se público que por deliberação tomada em 8 do corrente, está aberto concurso por provas documentais e práticas, pelo espaço de trinta dias, contados da segunda e última publicação dêste anúncio no *Diário do Govêrno*, para o provimento do lugar de escriturário de segunda classe do quadro privativo da Secretaria desta Câmara, vago por virtude de promoção a aspirante do respectivo serventuário, ao qual compete o vencimento de 600$00 mensais.

Êste concurso é de promoção e portanto regido pelos preceitos do artigo 471.º do Código Administrativo.

Aveiro e Paços do Concelho, 9 de Julho de 1943.

O Presidente da Câmara,
Francisco António Soares

Horas	Estações	COMPRIMENTO	DE ONDA
7,45	WCRC	31,1 m.	9.650 kc/s
	WDJ	39,7 m.	7.565 kc/s
9,45	WRUW	49,6 m.	6.040 kc/s
	WDJ	39,7 m.	7.565 kc/s
12,45	WKRX	30,3 m.	9.897 kc/s
13,45	WDL	30,8 m.	9.750 kc/s
	WGEO	19,6 m.	15.330 kc/s
	WKRX	30,3 m.	9.897 kc/s
14,45	WKRX	30,3 m.	9.897 kc/s
17,45	WCEA	25,3 m.	11.847 kc/s
	WDO	20,7 m.	14.470 kc/s
18,45	WDO	20,7 m.	14.470 kc/s
19,45	WDO	20,7 m.	14.470 kc/s
20,30	WGEO	19,6 m.	15.330 kc/s
	WDO	20,7 m.	14.470 kc/s
22,00	WGEO	19,6 m.	15.330 kc/s
23,00	WGEA	25,3 m.	11.847 kc/s
	WGEO	19,6 m.	15.330 kc/s
00,45	WDL	30,8 m.	9.750 kc/s
1,45	WDJ	39,7 m.	7.565 kc/s